

PANORAMA ECONÔMICO



FLÁVIA OLIVEIRA (interina)

Ano da verdade

• Apesar do lastimável aumento da miséria, o Brasil conseguiu reduzir de forma visível seu nível de desigualdade no ano passado — e também em 2002. Com isso, mostrou que é capaz de melhorar a distribuição de renda em períodos de baixo (ou nenhum) vigor econômico. Falta provar que pode combinar redistribuição de riqueza e crescimento do PIB. É o que 2004 nos dirá.

Quando Fernando Collor de Mello assumiu a Presidência, em 1990, os brasileiros que compunham os 10% mais ricos da população detinham 48% de toda a renda nacional. A metade mais pobre ficava com 11,5%, segundo cálculos do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (CPS-FGV). Em 2001, os ricos se apropriavam de 47,3%. Aos pobres, restavam 12,4%. Em 2002, os números passaram a 46,4% e 13,2%, respectivamente. No ano passado, a 45,7% e 13,5%: enquanto a renda familiar *per capita* do topo da pirâmide social era de R\$ 1.652 por mês, a dos 50% mais pobres não passava de R\$ 102.

O Brasil tem um dos piores níveis de distribuição de renda de todo o mundo e as mudanças recentes não foram capazes de alterá-lo significativamente. Mas sugerem uma disposição nunca observada nas estatísticas.

— É como se o transatlântico estivesse começando a fazer a curva — compara o economista Marcelo Neri, chefe do CPS-FGV. — Os dados sobre a redução da pobreza nas áreas rurais são consistentes, ano após ano, numa evidência de que há um pedaço do Brasil recebendo uma ajuda que an-

tes não existia. Há uma ênfase muito grande da sociedade e dos governos nos programas sociais. Isso tudo é muito recente.

É missão quase impossível assegurar trabalho digno e adequadamente remunerado a todos os cidadãos, num país onde em cada quatro indivíduos com mais de 10 anos de idade não completou quatro anos de estudo. Como costuma afirmar o economista Marcelo Medeiros, do Centro Internacional de Pobreza da ONU, “antes de ensinar a pescar, o Brasil terá que dar o peixe por muitos anos”.

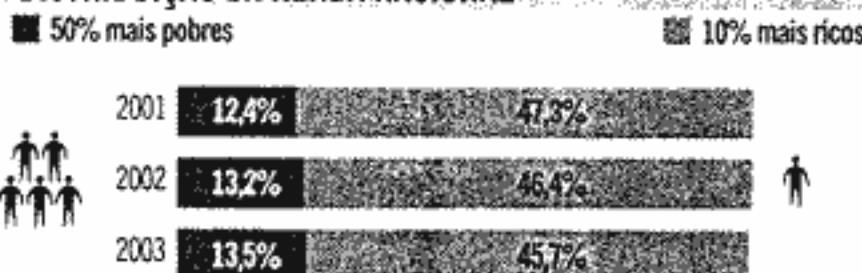
Neste processo, as transferências de renda (com ou sem contrapartida por parte das famílias) são vitais. Mas o modelo de desenvolvimento tem seu papel. E ele será testado neste 2004, que promete ser o ano de maior expansão econômica desde a implantação do Plano Real, dez anos atrás.

— Vencemos o primeiro desafio, que foi voltar a crescer. Restam dois: assegurar a continuidade desse crescimento e produzir a redução efetiva da pobreza e da desigualdade — diz o economista Marcelo Paixão, professor da UFRJ.

Quem viver, verá.

Sinais da melhora

DISTRIBUIÇÃO DA RENDA NACIONAL



FONTE: CPS-FGV